

ALMA DE MARIALVAS: órgão dos “Marialvas de S. Cristóvão” (Lisboa, julho de 1957) – “Número Único”¹ de um jornal com **edição de Francisco M. de Almeida**, também presidente da direção do grupo “Marialvas de S. Cristóvão”, e **direção de Afonso dos Santos**, primeiro secretário do mesmo grupo.

No *cabeçalho*, além do título principal *Alma de Marialvas*, aparece por baixo e dentro de caixa de texto: “Este jornal, **órgão dos *Marialvas de S. Cristóvão*, não tem preço**. Porém **aceitamos qualquer dádiva** que os nossos amigos nos ofereçam, atendendo ao fim a que se destina: **VESTIR OS NUS**.” Na sua *primeira página*, ainda no *cabeçalho*, ficamos a conhecer outros elementos identificativos do jornal: o **redator principal, Joaquim Gonçalves Piçarra**, a “**Edit. Gráf. Port. Lda. Rua Nova do Loureiro, 32 – Lisboa**”, responsável pela *composição e impressão*. Mas é na sua última página que aparece a morada da **redação e administração**, sita na Rua dos Correeiros, 28, 5.º- Dto., em Lisboa” (p. 16).

NATUREZA DA PUBLICAÇÃO

Julgamos que este *número único* do jornal só existe porque é comemorativo de mais um aniversário, a 27 de julho, do grupo ***Marialvas*² de S. Cristóvão**. Na última página do jornal, vê-se o respetivo “**Programa Comemorativo do 18.º Aniversário**”, o qual anuncia que apresentará “**36 crianças pobres [mais seis que no ano anterior], vestidas e calçadas pelo nosso Grupo**.” Junto, uma **foto** dos “**actuais corpos gerentes dos *Marialvas de S. Cristóvão***”, entre os quais estão Afonso dos Santos – primeiro secretário – e, Francisco Almeida – presidente da direção (p. 16).

Antes, o jornal já tinha publicado outras três fotografias de uma **sessão de fado**, todas legendadas: uma da fadista “**Ângela Nunes no momento da sua actuação no 52.º almoço**” (p. 9), outra de **Fernando Manuel** também a atuar, e a terceira com o **guitarrista João Monarte** (p. 10).

Ao centro da *primeira página* do jornal, publica-se uma **gravura de Américo Paulino**, a preto e branco, apresentando o **distintivo** de “Os Marialvas de S. Cristóvão” – uma guitarra portuguesa coroada –, do qual **cai roupa**, em alusão

¹ Embora o cabeçalho do jornal o indique como “número único”, na realidade, e de acordo com pesquisas realizadas nas bases de dados de outras bibliotecas, constata-se que, com o mesmo título (com com a variante *Marialva*), e de iniciativa do mesmo grupo, foram publicados outros “números únicos”, pelo menos em 1941, 1942 e 1952.

² “Marialva” significa “Indivíduo que gosta de touradas e cavalos e prima por extravagante e ocioso”. Também é ser “Fadista, que pertence a família distinta, ou que o aparenta”. Cf. “Marialva”. In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 16. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1978, p. 337.

ao seu objetivo de vestir e calçar crianças pobres, numa paisagem urbana com igreja, a qual presumimos que seja a da *freguesia*³.

A crónica “**Soma ... e Segue**” abre o jornal. É assinada pelo redator principal do jornal, **Joaquim Gonçalves Piçarra**, que começa por focar os dezoito anos de uma “coletividade” pequena como “**Os Marialvas de S. Cristóvão**”, amparada apenas pela “dedicação dos seus componentes”. Mais à frente conta que “**o nosso grupo foi formado com o fim de fomentar um mais estreito contacto entre os seus associados e respectivas famílias**, levando-as a confraternizar algumas vezes por ano. Mas logo após a sua fundação enveredou pelo caminho da beneficência” ao “**vestir e calçar anualmente um número indeterminado de crianças**”. Quase no fim, o autor refere que a contribuição do grupo é “uma insignificante parcela para a **grande obra que a sociedade tinha obrigação de realizar em benefício dos desprotegidos da sorte**” [p. 1]. Joaquim G. Piçarra também colabora no jornal, com o poema “**Dois Símbolos de Fé**” que, para ele, são os *Marialvas* e *S. Cristóvão* (p. 8).

A propósito, o *distintivo* dos *Marialvas de S. Cristóvão* só aparece mais uma vez, sobre o pequeno texto “**Saudação**” a “**grupos congéneres**” e **colaborantes**: *Velha Guarda, Marialvas da Madragoa, Rapatanas, Carinho e Amparo da Criança, Os 15 Patrícios, Os Foliões da Carris, Os Galos Unidos, Os Apóstolos do Escondidinho, A Pandilha, Liga Pró-Moral e, Marialvas do Barreiro* (p. 9). Na mesma página, “**Agradecimentos**” a várias pessoas pelo seu apoio “nesta cruzada do Bem”, à “**Academia Recreio Artístico**”, uma “velhinha colectividade”, e às “**senhoras que, com a sua boa vontade e dedicação pelo nosso grupo, confeccionaram os vestidos para as crianças nossas protegidas**” (p. 9).

Relembramos que a *imprensa escrita* estava sujeita à **censura prévia**, instituída pelo Decreto-Lei n.º 22469 de 1933, e depois pelo Decreto-Lei nº 33015 de 30 de agosto de 1943, o qual explicitava “que **caem sob a sua alçada todas as publicações que versem assuntos de carácter político-social**.”⁴ Consequentemente, a direção do jornal era obrigada a entregar as suas provas para serem censuradas, e só depois podia imprimir o periódico, com a frase: “**VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA**” (p. 14).

Deduzimos que, **para não haver dúvidas** sobre o Grupo que editava o jornal, publica-se a frase seguinte: “**A Beneficência e o Excursionismo são o princípio e o fim de Os Marialvas de S. Cristóvão**” (p. 6).

COLABORADORES E TEMAS

“**Os Marialvas de S. Cristóvão (1939-1957): um pouco da sua história...**” é o segundo texto do jornal, por **António José da Cunha**. Começa-se pelo seu

³ A freguesia de S. Cristóvão e S. Lourenço eram uma só, anexadas desde 1836, principalmente devido “à pequenez das freguesias do velho centro medieval”, mas com sede no sítio de S. Cristóvão [ainda existe uma pedra lavrada numa esquina, a qual dividia os dois sítios]. Ver: SANTANA, Francisco e SUCENA, Eduardo Dir. – “Freguesias”. In *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, 1994, p. 417.

⁴FRANCO, Graça – “Instituição da Censura Prévia”, “A Segunda Grande Guerra”. In *A Censura à Imprensa (1820-1974)*. Lisboa: Imprensa nacional-Casa da Moeda, 1993, pp. 106, 119.

início geográfico-urbano: **“Foi ali, nas faldas do Castelo de S. Jorge, em frente da Igreja de S. Cristóvão, freguesia e rua do mesmo nome, no número 23 e 1.º Bairro de Lisboa,** que se iniciaram os primeiros passos de tão florescente baluarte de beneficência à infância.” O autor conta que só depois da sua ação benemérita é que o grupo partia “em debandada, a praticar a outra variante, **símbolo também dos “Marialvas”: o excursionismo**”⁵. Nessas andanças, “após o repasto” aconteciam **“inesquecíveis sessões de Fado”** e, com saudade, são recordados estes **“passeios-mistério”**, mais de cinquenta, “organizados trimestralmente por sócios escalados”. O autor, como testemunha, ainda narra episódios cómicos relacionados com os destinos dos passeios, e das alterações que sofreram devido à **“deflagração da segunda grande guerra”**. Algumas consequências são mencionadas, como “o agravamento do custo de vida, as restrições nos géneros alimentícios, os racionamentos de toda a espécie, **as faltas de carburantes,** etc.”, sendo “os transportes reduzidos ao estritamente indispensável, que foi **até à proibição total do excursionismo**”. No entanto, reacendeu-se a **“magia do Fado”** que o Grupo, em pequenas digressões, ia assistir **“nas quintas de S. Vicente, S. Lourenço, Pedralvas, Charquinho, Cartuxa, Solar das Cabanas, Castanheira de Moura, Patrício, Ti Joaquina e Pancão.”** Conclui o autor, com a **“fidalga galhardia”, o “bom senso”** e a **“compostura”** que ficava, por onde o Grupo passava (pp. 2-3).

Da I Guerra Mundial, a pedido da direção do jornal, publica-se uma historia real intitulada **“Marinheiros de Portugal (conto histórico)” de Luís José Simões** (1878-1959), então sargento-ajudante do Corpo de Marinheiros, narrador do **“glorioso combate entre o caça-minas Augusto Castilho e um poderoso submarino alemão, no mar dos Açores, em 14 de Outubro de 1918”**. Na fatídica véspera, recorda o autor, “o nosso lindo fado entrou em cena”. Continuando a romancear, o narrador conta que **“o varonil caça-minas Augusto Castilho lá ia seguindo, altivo e galhardo, a comboiar o paquete S. Miguel por aqueles mares infestados de submarinos”** quando, “pelas seis horas da manhã” desse dia, “trava-se o espantoso e formidável combate entre o *pigmeu* português e um gigantesco submarino alemão”. Mas, o autor narra que o vigilante comandante do caça-minas, José Botelho de Carvalho Araújo, “atira-se de proa para cima do monstro a vomitar metralha” e atinge o submarino, antes de se afundar com o seu barco cujo *convés* “ficara juncado de cadáveres e feridos”. Ao mesmo tempo, **o paquete S. Miguel salva-se “graças à indómita bravura dos marinheiros de Portugal.”** Tudo aconteceu a “duzentas milhas de terra”. Sem bússola e dentro de um “batel arrombado” com dois remos, **doze náufragos “aportaram a terra ao fim de seis cruciantes dias”**, escreve o autor (p. 5).

De referir, que **José Luís Simões**⁶, como um dos náufragos e testemunha, escreve o livro **200 Milhas a Remos**, editado em 1920, a partir da **Narrativa**

⁵ Os *Grupos Excursionistas* (de Lisboa) identificavam-se com um nome popular ou bairrista; atingiram o auge entre os “anos 40 a 70 do século passado [XX]”; “sem estatutos”; na *sede*, um “quadro na parede com o nome, pintura ou desenho alusivo ao Grupo e fotos dos membros fundadores”. Ver: <http://diasquevoam.blogspot.pt/2010/04/os-grupos-excursionistas-de-lisboa.html>

⁶ Luís José Simões “conquistou nesta altura, a medalha de prata de Coragem, Abnegação e Humanidade. [...] Promovido a guarda-marinha por Dec. De 29-XI-1918, sendo condecorado então com a Cruz de Guerra de 1ª classe. Por Dec. De 12-IV-1919, foi promovido a 2º tenente.” Cf. “SIMÕES (Luís José)”. In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 29. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1978, p. 60.

Trágico-Marítima que foi publicada em folhetins no jornal *Diário de Notícias*. Outra fonte histórica (ou propaganda alemã?) é um curioso **vídeo filmado do submarino alemão**, intitulado “**Afundamento do Augusto Castilho**”, com cerca de 5 minutos e visionável na **Cinemateca Digital**.⁷

Num total de **33 colaboradores**, são maioritários os poetas publicados, dos quais mencionamos a única poetisa, **Maria Amélia Carvalho de Almeida** com “**Crianças** (ao *Grupo dos Marialvas* de S. Cristóvão oferece a autora)”, elogiando estes *Marialvas* (p. 13).

O **fado** é o tema recorrente no jornal, destacando-se em **Poesia**: **Carlos Conde** (1901-1981), poeta popular e letrista de Fado, com dois poemas “**Encontrei a Mariquinhas**” e “**Aquilo não era Fado**”; **Frederico Brito** (1894-1977), poeta e compositor de Fado que escreve “**Noites de Alfama**” (pp. 14-15); **2 Letras de Fado** (pp. 12- 13): uma escrita por **João Inácio** (1928-2005), “**Quem tem razão** (Repertório de Frutuoso França [Fadista])”, e outra de **João Linhares Barbosa** (1893-1965), “**O Leilão da Casa da Mariquinhas** (do Repertório de Alfredo Marceneiro [Fadista])”. Em prosa, **Amaro de Almeida** (1916-1976), médico e investigador do fado, escreve “**Os dois criadores do fado académico**” sobre o fado de Lisboa e de Coimbra (p. 15), e **António Jérvys Pereira** colabora com “**Evocação de uma data e de uma artista**” sobre Maria Vitória (1888-1915), de quem diz: “Verdadeira encarnação do nosso fado, foi o culto das plateias populares” (p. 7).

Focando o tema das **touradas** aparecem duas crónicas no jornal, uma burlesca “**Das minhas Memórias: o medo dos toireiros**” por **Fernando Baptista** (pseudónimo: Zé Sincero), e outra trágica “**Evocações**” de **Eduardo Miranda Neves** (pp. 3-4).

“**A Obra dos Marialvas de S. Cristóvão através da Imprensa do país**” sobre o anterior aniversário do grupo, em 1956, mostra uma página com recortes dos jornais nos quais a benemerência do grupo foi notícia. Ainda nesta página, num pequeno texto, **Os Marialvas de S. Cristóvão agradecem “a toda a Imprensa**, pelo valiosíssimo auxílio que sempre tem prestado à causa que é o objectivo e principal razão de ser do nosso grupo: *Vestir os Nus*”. Por cima, uma foto de “**As crianças vestidas pelo Grupo Os Marialvas**” [p. 11]. Mencionamos, como curiosidade, a notícia do *Diário de Lisboa* de 28 de julho de 1956, porque além de referir a comemoração do 17.º aniversário deste grupo benemérito, informa sobre a **distribuição de vestuário por “30 crianças pobres”**⁸.

Na lista “**Sabe que...**” destacamos três das menções: “...o nosso grupo já distribuiu, até à data, vestuário e calçado a 240 crianças pobres”; “...já despendeu para fins beneficentes a quantia de 33.372\$95 [Escudos] ”, e “...o **número de sócios é limitado a 26** e dele fazem parte poetas, guitarristas, cantadores e cantadeiras”. Na mesma página também aparecem **dois retratos**, um de **Manuel Teixeira**, emigrante na América a quem se agradecem

⁷ Ver: <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=2261&type=Video>

⁸ Ver: https://www.fmsoares.pt/aeb_online/visualizador.php?bd=IMPrensa&nome_da_pasta=06527.065.14976&numero_da_pagina=4

“valiosos auxílios”, e outro de **Carlos Pereira na coluna “Lutuosa”**, ex-auxiliar da “Secção de Beneficência” do grupo (p. 16).

Os temas publicados no jornal justificam a sua inclusão nas categorias de **Imprensa Literária, Ilustrada, Regional e Local** (Lisboa).

ESTRUTURA GRÁFICA

Na *primeira página* do jornal, o título principal *Alma de Marialvas* surge em letra minúscula desenhada a cor preta e em tamanho grande. Nas outras páginas, este título aparece sempre no *rodapé* em letra de máquina mas em itálico, e centralizado, interrompendo a linha dupla de paginação, exceto na dos *recortes de jornais* sobrepostos em várias direções, talvez por falta de espaço [p. 11].

Estruturalmente, as dezasseis páginas do jornal, de cerca de 42 cm de dimensão e em cor sépia, apresentam-se impressas a quatro colunas, exceto três: a *primeira*, a dos *recortes de jornais*, e a seguinte que inclui um anúncio ilustrado de grandes dimensões (pp. [1], [11]-12).

Publica-se uma lista dos “**Colaboradores**” do jornal por ordem alfabética, mas sem indicação da respetiva paginação e que começa por agradecer a todos, o que indicia que a colaboração não era paga (p. 13). Julgamos que, por omissão, a direção do jornal não incluiu dois nomes, o do poeta **Vasco Augusto de Carvalho**, colaborador com “**Em outros tempos** (aos fadistas da *Velha Guarda*)”, e o do “artista pintor” **Américo Paulino**, autor da gravura da *primeira página* mas referido elogiosamente, na página seguinte (pp. 5, 14).

ANUNCIANTES

A razão por o jornal ter muitos anunciantes, deve ser benemérita. Os anúncios, em caixas de texto com uma estreita cercadura, aparecem no final das suas páginas, exceto na *primeira* e na dos *recortes de jornais* ([p.1], [p.11]).

Dos inúmeros anunciantes publicados no jornal, destacamos os *anúncios ilustrados* por interesse gráfico, e os que referem *Grupos Excursionistas* ou *Marialvas de S. Cristóvão*: **JOSÉ DA SILVA e JOAQUIM T. COSTA** – estofadores de automóveis, **desconto de 10% aos sócios dos “Marialvas de S. Cristóvão”** – Rua da Graça,2-D, Lisboa (p. 2); **RESTAURANTE PORTAS** – a casa preferida por todos os amigos dos “Marialvas de S. Cristóvão”, etc. – Rua dos Correeiros,11, Lisboa, e **ESPLANADA DA CARTUXA** – **Solar do Monteiro, preços reduzidos para Grupos Excursionistas**, etc. – Caxias (p. 4); **GRAVATAS “AMIL”** [nome ilustrado] – Rua da Prata,153, 5º-Fte., Lisboa (p. 7); **CARLOS DA SILVA** – **Casa de Pasto, realizou-se aqui um almoço de “Os Marialvas de S. Cristóvão”** – Praça da República, Carcavelos, e **TRIUNFO** [ilustrado] – recauchutagem de pneus – C. de Arroios,72,Lisboa (p. 8); **SANTOS BEIRÃO** [ilustrado] – músicas, etc., fornecedores do Exército, GNR, Polícia e Legião – R. 1º de Dezembro,2-c a 8, Lisboa, e **HORÁCIO ALVES** [ilustrado] – ferragens, etc. – 43,Rua Augusta,51, Lisboa (p. 9); **Transportes BRAGA** [ilustrado] – mudanças – Rua dos Correeiros,28-1º, Lisboa, e **FÁBRICA “EBRO”** [nome ilustrado] – “drops”, etc. – Rua Washington,41-A, Lisboa (p. 10); **Estabelecimentos SIDA** – “**Olivetti**” [ilustrado]

– *Rua de S. Nicolau, 44-48, Lisboa* (p. 12); **GERMANO MACHADO** [nome ilustrado] – *serralharia – Calçadinha do Tejolo, 45-A, Lisboa*, e **TYRESOLES** [ilustrado] – *reconstrução de pneus – Av. Da Liberdade, 136-1º, Lisboa* (p. 13) e, **AGÊNCIA COMERCIAL SUECA – registadora RIV** [ilustrado] – *Av. Fontes Pereira de Melo, 37, Lisboa* (p. 14).

CONTEXTO SOCIAL

O Estado Novo, no artigo 41.º da sua Constituição de 1933, deixa implícito que **“a Previdência Social não é um fim do próprio Estado, mas de instituições que o Estado se propõe apoiar. [...] A estrutura organizacional das instituições de previdência é regulamentada dois anos depois, através da Lei n.º 1884, de 16 de maio de 1935. [...] Segundo Medina Carreira, em 1942, “volvidos sete anos sobre a publicação da Lei n.º 1884, a proporção da população activa nesses sectores [comércio, indústria e serviços] abrangida pela previdência social era diminuta, pois correspondia apenas a 6,3%.” Esta situação altera-se com o Decreto-Lei n.º 32 674, de 20 de fevereiro de 1943, o qual vai “explicar o aumento da população activa abrangida, que em 1950 representava já cerca de 37,3% [...] alcançando em 1960 os 50%. [...] Mas não esqueçamos que, “fora do sistema de previdência ficava a protecção em caso de desemprego, sobrevivência, os acidentes de trabalho e as doenças profissionais.”**⁹

Assim, concluímos que **entre 1939 e julho de 1957**, data do jornal *Alma de Marialvas*, **a Previdência Social não abrangia a população não activa**, o que explica a pobreza então existente, e neste caso, em Lisboa. Compreende-se assim, a necessidade de ações beneméritas como as do grupo *Os Marialvas de S. Cristóvão*.

Helena Roldão

Lisboa, Hemeroteca Municipal, 3 de setembro de 2014.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

SANTANA, Francisco e SUCENA, Eduardo Dir. – *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, 1994.

ROSAS, Fernando; BRITO e J. M. Brandão de, Dir.; ROLLO, Maria Fernanda, Coord. – *Dicionário de História do Estado Novo*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. 16. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1978.

FRANCO, Graça – *A Censura à Imprensa (1820-1974)*. Lisboa: Imprensa nacional-Casa da Moeda, 1993.

⁹ ROSAS, Fernando; BRITO e J. M. Brandão de, Dir.; ROLLO, Maria Fernanda, Coord.-“Previdência Social”. In *Dicionário de História do Estado Novo*. V. II. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996, p. 797.